

# A AUTOCONFRONTAÇÃO COMO DISPOSITIVO PARA A PRODUÇÃO DE SABERES SOBRE O TRABALHO DOCENTE

Deivis Perez  
Carla Messias\*

**Resumo:** Este artigo discute o uso do dispositivo autoconfrontação em investigações sobre o trabalho docente realizadas por pesquisadores da Linguística Aplicada, em particular, pelos estudiosos do grupo de pesquisa Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações (ALTER) que desenvolveram as suas atividades entre 2003 e 2013, sob a liderança da professora doutora Anna Rachel Machado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP. O artigo apresenta a autoconfrontação, suas origens, referências teóricas, fases e movimentos que devem ser seguidos na sua aplicação. Em seguida, é realizado o exame do uso da autoconfrontação em teses de doutorado e dissertações de mestrado produzidas no contexto do ALTER. Ao final, são indicadas as limitações na utilização desse procedimento metodológico verificadas nas pesquisas do grupo e, também, o seu significativo legado para a Linguística Aplicada e para as Ciências do Trabalho.

**Palavras-chave:** Procedimento Metodológico. Linguística Aplicada. Trabalho Docente.

**Abstract:** This article is about the use of the methodological procedure called selfconfrontation by researchers from Applied Linguistics especially by the scholars from the research group Language Analysis, Educational Work and their relationships/ALTER, which developed its activities from 2003 to 2013, under the leadership of the professor doctor Anna Rachel Machado from Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP. The article shows a selfconfrontation, its origins, theoretical references, phases and movements that must be followed in the use of this procedure. Afterwards, the use of the selfconfrontation was examined and discussed through doctoral and masters' theses produced by ALTER context. Finally, the limitations of the procedure application identified in the group researches and their meaning left to Applied Linguistic and the Work Sciences are presented.

**Keywords:** Methodological Procedure. Applied Linguistic. Teacher's Work.

## Introdução

Este artigo discute as aplicações do dispositivo autoconfrontação em pesquisas sobre o trabalho do professor, as quais resultaram na produção de dissertações de mestrado e teses de

---

\* Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Assis, São Paulo, Brasil, prof.devisperez2@hotmail.com.

\*\* Professora assistente pós-doutoranda na Área de Didática de Línguas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra (UNIGE), Genebra, Suíça, carlamessias@yahoo.com.br.

doutorado no Brasil por pesquisadores da Linguística Aplicada. Optou-se por debater a temática por intermédio do exame do caso de utilização da autoconfrontação pelo grupo Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações (ALTER), o qual desenvolveu as suas atividades entre 2003 e 2013, sob a liderança de Anna Rachel Machado, e era vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (LAEL/PUC-SP). O procedimento metodológico ao qual nos referimos é usado em intervenções em processos laborais e na recolha de dados científicos, foi criado por Faïta (1997) e tem sido aperfeiçoado no quadro teórico-metodológico da Clínica da Atividade (VIEIRA; FAÏTA, 2003; CLOT, 2006, 2010; CLOT, FERNÁNDEZ, 2007).

O interesse pelas aplicações da autoconfrontação em estudos da Linguística Aplicada particularmente ao trabalho do professor deve-se à centralidade dessa categoria profissional no contexto laboral contemporâneo. A compreensão do mundo social e da cultura em que estamos inseridos demanda, conforme Tardif e Lessard (2005), o entendimento do ensino escolar e do trabalho docente, dada a sua proeminência sobre outras esferas ocupacionais, em face de a quase totalidade dos profissionais da nossa sociedade terem sido submetidos, antes de assumirem as suas ocupações, aos processos educativos conduzidos por professores.

O foco na investigação dos modos de utilização da autoconfrontação é devido ao fato de esse dispositivo ter sido elaborado para se caracterizar como um instrumento de coanálise, resignificação e possível transformação do trabalho e, simultaneamente, para ser uma ferramenta acadêmica de recolha de dados sobre uma atividade ocupacional. Neste sentido, o dispositivo extrapola a mera coleta de informações de campo, observada comumente nos instrumentos de pesquisa. A autoconfrontação se singulariza por ser um procedimento metodológico-científico e de intervenção em processos laborais desenvolvido para fazer emergir os múltiplos discursos e perspectivas em torno de um ofício, integrando o pesquisador e um trabalhador ou coletivo de trabalhadores.

A escolha do ALTER se justifica em razão de os membros do grupo terem protagonizado a aplicação da autoconfrontação na Linguística Aplicada ao trabalho do professor no Brasil na primeira década do século XXI. O ALTER foi identificado como o único grupo, certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que se dedicou à produção continuada de investigações em que foi utilizada a autoconfrontação, segundo as informações sistematizadas no estado do conhecimento (PEREZ; MESSIAS, 2013a) acerca dos usos da autoconfrontação em estudos

sobre o trabalho docente concluídos até 2011 nos Programas brasileiros de Pós-Graduação *stricto sensu* em Linguística Aplicada. Em função do exposto, pareceu evidente que o exame de caso do ALTER na aplicação da autoconfrontação, extrapola o mero registro histórico das ações do grupo e tende a contribuir para a compreensão dos modos como esse dispositivo tem sido usado por pesquisadores da Linguística Aplicada em nosso país e, portanto, pode apoiar a análise crítica do alcance e das limitações dos usos da autoconfrontação como instrumento científico e de coanálise do trabalho docente.

Cumprir notar que, na Clínica da Atividade, o estudo do trabalho com o emprego da autoconfrontação tem dois pressupostos: o primeiro diz respeito à demanda por exame do trabalho que deve emergir de um grupo de profissionais que percebeu que o seu exercício ocupacional se encontra degradado (CLOT, 2010). Esse pressuposto tem como fundamento a compreensão de que os trabalhadores devem requerer a aplicação de mecanismos capazes de apoiar a coanálise e a potencialização das mudanças no agir profissional individual e grupal. A segunda suposição é alusiva à concepção da relação entre a pessoa e o coletivo. De acordo com Clot (2010), as situações conflituosas vividas no âmbito individual são estabelecidas pela agitação e discussão presentes nas relações interativas humanas. Essa conflituosidade social, aponta Clot (2010), contribui para que o sujeito mobilize, moureje e coloque em movimento o seu psiquismo. Em função disso, é necessário que a autoconfrontação seja aplicada em todas as suas fases para que ocorram aproximações sucessivas na direção da produção de saberes pelos trabalhadores acerca do seu próprio ofício e, finalmente, a sua transformação por ação da coletividade profissional. Os dados a serem recolhidos para uma pesquisa devem emergir do diálogo entre os trabalhadores e destes com o pesquisador na coanálise das atividades laborais que deve acontecer no desenvolvimento das diversas fases da autoconfrontação.

Considerando esses pressupostos da Clínica da Atividade foram delimitadas três questões norteadoras do exame das dissertações e teses com uso da autoconfrontação produzidas no ALTER, a saber: a) quais são as semelhanças e diferenças na aplicação da autoconfrontação em estudos produzidos no grupo em tela comparativamente às orientações feitas pelos pesquisadores da Clínica da Atividade? b) Os estudiosos do ALTER desencadearam o seu trabalho partindo da demanda de profissionais pela coanálise e transformação das suas atividades ocupacionais ou os pesquisadores é que solicitaram a contribuição de trabalhadores nos processos de recolha de dados para as suas pesquisas? c) Por fim, caso não tenha havido demanda de trabalhadores, esse fato

produziu alterações significativas no conjunto das fases de aplicação da autoconfrontação, na coanálise do trabalho e na recolha de dados das pesquisas?

Este artigo está organizado em quatro seções, além desta introdução e das considerações finais, em que abordamos: a) a perspectiva metodológica, os procedimentos de identificação e exame das dissertações e teses do ALTER; b) o contexto teórico de produção da autoconfrontação, as suas fases e os seus movimentos de aplicação; c) a análise das dissertações e teses do grupo em que foi aplicada a autoconfrontação; d) as características dos usos do dispositivo pelo ALTER e suas contribuições para a Linguística Aplicada ao estudo do trabalho docente.

### **Metodologia da pesquisa**

No tocante à metodologia, optou-se pela abordagem qualitativa dos dados documentais recolhidos e pela realização de um estudo de caso instrumental, conforme Stake (1995, apud ANDRÉ, 2005), em que o pesquisador se interessa por uma temática ampla que a investigação de um caso ajuda a compreender. Para garantir a identificação das pesquisas do ALTER em que aplicou-se a autoconfrontação, foi adotada a estratégia abaixo, sob inspiração das indicações de Romanowski e Ens (2006) acerca da elaboração de estados do conhecimento:

a) Circunscrição de um período temporal que guiou a composição da base de dados da pesquisa. Neste estudo, consideramos como marco inicial o ano de 2003, em que o ALTER foi criado, e 2013 como ano final. O grupo encerrou as suas atividades vinculadas à PUC-SP em 2012, devido ao falecimento da sua líder, Machado. A despeito disso, julgamos que havia a possibilidade de algumas pesquisas estarem em andamento, em especial aquelas que resultariam em teses de doutorado, as quais poderiam ser consideradas como investigações elaboradas no quadro teórico e metodológico do ALTER original.

b) Definição dos descritores que orientaram as buscas, que foram: autoconfrontação; Clínica da Atividade; método indireto; Psicologia Histórico-Cultural e variações, como Psicologia Sócio-Histórica; reflexão sobre o trabalho; análise do trabalho; ressignificação do trabalho; transformação do trabalho; ato e gesto ocupacional e ação refletida.

c) Delimitação dos bancos de pesquisas e acervos digitais dedicados à catalogação e facilitação do acesso aos resumos e textos completos de teses e dissertações. A busca inicial foi feita por meio de consulta ao Banco de Teses da CAPES e à Biblioteca Digital Brasileira

de Teses e Dissertações (BDTD). O objetivo era obter os resumos dos estudos produzidos pelo grupo entre 2003 e 2013 em que foi utilizada a autoconfrontação. Visando garantir que todas as pesquisas do grupo fossem localizadas e, tendo em vista que o ALTER era certificado pelo CNPq, pareceu relevante consultar o diretório de grupos desta agência oficial e verificar quais professores-pesquisadores foram membros do grupo no período que delimitamos e, entre estes, quais eram credenciados como orientadores em Programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Esse procedimento favoreceu a averiguação, nos bancos digitais mantidos por universidades brasileiras, da existência de teses e dissertações que foram orientadas por professores membros do ALTER.

d) Recolha dos resumos e textos completos das dissertações e teses do ALTER, obedecendo aos seguintes critérios para a seleção do material: a pesquisa fez uso da autoconfrontação e teve como objeto o trabalho docente; o autor mencionou no resumo ou no texto completo a sua vinculação ou a do seu orientador ao grupo; a aplicação da autoconfrontação foi feita considerando as referências da Clínica da Atividade.

Essa fase final da coleta de dados se articulou ao primeiro movimento analítico dos resumos e textos completos das pesquisas, nomeado pré-análise, em que o propósito foi checar a pertinência do material recolhido em face dos critérios de seleção e em relação aos objetivos desta investigação. O segundo procedimento de análise consistiu em: classificar as dissertações e teses por ano de defesa, Universidade e Programa de Pós-Graduação em que foi produzida cada pesquisa; identificar o orientador(a); elaborar formas gráficas de apresentação dos dados. O terceiro mecanismo analítico foi o exame qualitativo das dissertações e teses, que foi empreendido tomando-se como base a definição e a caracterização das fases de aplicação da autoconfrontação feitas pelos pesquisadores da Clínica da Atividade, as quais são apresentadas na próxima seção.

### **Autoconfrontação: contexto teórico de produção e a sua aplicação**

A autoconfrontação foi criada por Faïta (1997) para favorecer a coanálise e o estudo do trabalho de condutores de trens. O aprimoramento desse dispositivo tem sido realizado no quadro teórico da Clínica da Atividade, que se insere nas Ciências do Trabalho, notadamente

no domínio da Psicologia Social do Trabalho e possui como raiz epistemológica principal a Psicologia Histórico-Cultural de Vygotski<sup>1</sup>.

É sob inspiração vygotskiana que a Clínica da Atividade compreende que os estudiosos do trabalho devem construir e acurar estratégias interventivas e metodológicas que permitam às pessoas experimentarem a possibilidade de transformação da própria realidade, a ampliação da sua vitalidade de agir, bem como, a promoção de metamorfoses psicossociais. Os recursos científicos e de mediação do desenvolvimento humano foram analisados por Vygotski (1927/1996), que sustenta que os métodos diretos de acesso ao real limitam a compreensão dos fenômenos psíquicos. Os analistas e pesquisadores do trabalho deveriam considerar que a “[...] necessidade de sair de uma vez por todas dos limites da experiência direta é assunto de vida ou morte [...]” (VYGOTSKI, 1927/1996, p. 283). Ainda conforme Vygotski, era necessário desenvolver instrumentos indiretos de acesso ao psiquismo, capazes de favorecer a reconstrução e interpretação das suas dimensões não conscientes e subjetivas.

O surgimento da autoconfrontação no âmbito da Clínica da Atividade, parece atender ao chamado de Vygotski, por meio da produção de instrumento cujo intento era, mediante a coanálise do trabalho por um pesquisador e por trabalhadores, favorecer a compreensão e o desenvolvimento dos múltiplos elementos constituintes do psiquismo humano. A realização da coanálise e de pesquisas com o uso da autoconfrontação demanda do investigador o entendimento da perspectiva clínica que norteia a aplicação desse dispositivo, na qual o trabalho é concebido como operador da saúde psicofísica humana. Isso significa que a autoconfrontação deve ser adotada tendo como horizonte a (re)criação permanente da atividade laboral pelos trabalhadores, considerando que somente há saúde nas situações em que a atividade está potencializada e em pleno movimento (CLOT, 2013). É necessário, também, que o pesquisador domine os procedimentos de execução do dispositivo, de modo a contribuir com o surgimento do diálogo sobre um ofício e a transformação do processo laboral pelos trabalhadores.

A autoconfrontação, em conformidade com os estudos do dispositivo feitos por Perez e Messias (2013a; 2013b), que consideraram as indicações oriundas da Clínica da Atividade, se organiza em três fases integradas. Cada fase subdivide-se em movimentos distintos a serem seguidos pelo pesquisador. De acordo com Clot e Fernández (2007), a aplicação integral da autoconfrontação deve ocorrer em um ano e seis meses, sendo que cada uma das fases do dispositivo tem duração de seis meses.

---

<sup>1</sup> Neste trabalho optou-se pela grafia Vygotski, conforme as traduções das obras do pensador russo para o português, realizadas por Paulo Bezerra.

## FASE A

A primeira fase da autoconfrontação objetiva aproximar o pesquisador da atividade laboral e dos trabalhadores com os quais atuará.

### - Movimento 1 – Documentos prescritivos e contexto sociointeracional de trabalho

Este movimento tem como foco levar o pesquisador a conhecer o contexto sociointeracional do trabalho, recorrendo ao exame dos documentos prescritivos do ofício dos participantes da coanálise e pesquisa. Ainda, é realizado o levantamento do histórico de produção desses documentos e quais os usos feitos pelos trabalhadores.

### - Movimento 2 - Comunidade ampliada de pesquisa, observação e entrevista

O segundo movimento principia com a composição de um grupo de trabalhadores, composto por uma ou duas duplas de profissionais e o pesquisador. Esse grupo constitui a comunidade ampliada de pesquisa (CLOT, 2010), que deve participar de todas as etapas seguintes do exame, do diálogo sobre o trabalho e da coleta dos dados. Idealmente este grupo deve ser formado por profissionais indicados pelo coletivo de trabalhadores, que aceitaram integrar a coanálise e compartilhar uma investigação acadêmica na condição de voluntários. Nesta etapa, o pesquisador faz a observação do trabalho e registra os aspectos relevantes testemunhados em um diário de pesquisas. Após, uma entrevista semiestruturada deve ser realizada com cada um dos trabalhadores para esclarecer dúvidas e detalhar informações obtidas na observação.

## FASE B

A fase B subdivide-se em três movimentos distintos e “[...] tem como objetivo favorecer a análise do próprio trabalho por parte dos profissionais voluntários que compõem com o pesquisador a comunidade ampliada de pesquisa” (PEREZ; MESSIAS, 2013a, p. 96). É feito o registro do trabalho e sua coanálise aspirando a que os trabalhadores tornem-se protagonistas da própria atividade laboral e da sua metamorfose.

### - Movimento 1 – registro / gravação da atividade de trabalho

Considerando as informações obtidas nas observações e entrevistas, o pesquisador registra em áudio e vídeo sequências de trabalho escolhidas pelos participantes. Trata-se da obtenção de dados sobre o trabalho real (CLOT, 2006), registrado no momento da ação do trabalhador. É importante que uma mesma sequência seja registrada em dias e momentos diferentes, para a captação das variadas formas que pode assumir o gesto ocupacional.

### - Movimento 2 – Seleção de trechos registrados e autoconfrontação simples

Após a gravação das sequências de trabalho, o pesquisador seleciona trechos da ação de cada trabalhador que, em seguida, assiste aos trechos registrados e dialoga com o pesquisador. O que se pretende é, por meio da exibição do vídeo e do diálogo, provocar a coanálise do trabalho. O investigador deve elaborar um roteiro de questões, visando organizar a conversação. Geralmente, esse roteiro é composto por temas que permitirão ao trabalhador abordar os aspectos potencializadores e impeditivos do seu agir profissional. Esta etapa deve ser repetida inúmeras vezes, até que cada trabalhador sinalize que está ampliando e aprofundando a compreensão sobre a sua atividade, mediante o diálogo com o pesquisador.

#### - Movimento 3 – autoconfrontação cruzada

No último movimento da Fase B, o pesquisador e trabalhadores, organizados em duplas, assistem aos trechos das gravações do trabalho. Trata-se da coleta de informações sobre o trabalho interpretado (CLOT, 2010), definido como o prolongamento das ações ocupacionais para o campo das reflexões feitas após a realização do trabalho real. Na presença das sequências laborais registradas, o pesquisador deve atuar como mediador do diálogo entre a dupla de trabalhadores. O conjunto de movimentos que compõe a Fase B tem como objetivo levar os trabalhadores a descreverem detalhadamente sua atividade "[...] até que se manifestem os limites dessa descrição, até que a verdade estabelecida seja flagrada na veracidade do diálogo, pela autenticidade dialógica" (CLOT, 2010, p. 240). Analogamente ao que ocorre na modalidade simples, a autoconfrontação cruzada deve ser feita inúmeras vezes, até que aflore a conflituosidade acerca das práticas laborais e se instale a dialogicidade entre os membros da comunidade ampliada de pesquisa visando a ampliação da potência de ação dos trabalhadores.

#### FASE C

Esta fase, denominada restituição ao coletivo de trabalho, é o momento em que as descobertas e considerações sobre o trabalho, realizadas pelo pesquisador e voluntários (comunidade ampliada de pesquisa) são restituídas aos trabalhadores que atuam na mesma função dos sujeitos do processo interventivo e de investigação. Essa submissão dos achados da coanálise ao coletivo de trabalho tem como objetivo levar os trabalhadores à abertura de zonas de desenvolvimento potenciais, isto é, encorajar a reflexão e ação sobre as possibilidades de transformação da atividade laboral pelos trabalhadores (CLOT, 2010). O pesquisador executa, em parceria com os voluntários que participaram das autoconfrontações, reuniões com o coletivo de trabalho. Essas reuniões podem acontecer com “o coletivo profissional [...]; o comitê de monitoramento da intervenção; o coletivo profissional ampliado, ou seja, o conjunto dos pares [...]" (CLOT, 2010, p. 241). Devem ser realizadas tantas

reuniões quantas forem necessárias, até que os trabalhadores realizem o planejamento e a implementação de um projeto de aperfeiçoamento ou transformação do seu processo laboral.

### **Exame das dissertações e teses do ALTER com uso da autoconfrontação**

Conforme mencionamos na seção sobre a recolha dos dados, foram verificados, nesta investigação, o Banco de Teses da CAPES, o BDTD e as bibliotecas digitais de inúmeras universidades. Foram identificadas, entre 2003 e 2013, dez pesquisas produzidas no ALTER em que a autoconfrontação foi aplicada no exame do trabalho docente, sendo quatro dissertações e seis teses. No tocante à procedência, destacam-se a PUC-SP, quatro teses, e a Universidade Estadual de Londrina (UEL), duas dissertações e duas teses. Isso deveu-se, presumivelmente, ao fato de a PUC-SP ter sido a sede do grupo à qual estava vinculada Machado, líder até 2012 e, no caso da UEL, em virtude das contribuições de Vera Lucia Lopes Cristóvão, docente orientadora de pesquisas na universidade, uma das pioneiras do ALTER.

Tabela 1: Instituições de ensino superior em que foram concluídas teses de doutorado e dissertações de mestrado com uso da autoconfrontação

<b>INSTITUIÇÕES</b>	<b>DISSERTAÇÕES</b>	<b>TESES</b>
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	0	4
Universidade Vale do Rio dos Sinos-RS (UNISINOS)	1	0
Universidade Federal do Ceará (UFC)	1	0
Universidade Estadual de Londrina (UEL)	2	2
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>6</b>

O levantamento feito apontou que o ALTER concentrou a sua produção de pesquisas com uso da autoconfrontação entre 2006 e 2013. Isso evidencia que os primeiros estudos com a aplicação do dispositivo foram iniciados, aproximadamente, no ano de 2003, quando o grupo foi criado, e concluídos a partir de 2006.

Tabela 2: Ano de conclusão das teses e dissertações do ALTER

<b>Ano</b>	<b>Dissertações</b>	<b>Teses</b>	<b>Total</b>
2013	0	1	1
2012	0	1	1
2011	1	0	1
2010	0	2	2
2009	1	0	1
2008	1	1	2
2007	0	0	0
2006	1	1	2
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>6</b>	<b>10</b>

A primeira investigação concluída pelo ALTER com uso da autoconfrontação foi a dissertação de Borghi (2006), defendida na UEL, sob orientação de Cristóvão. O objetivo foi investigar as configurações do trabalho do professor de inglês iniciante no ensino básico. Em seguida, foi concluída na PUC-SP, sob a orientação de Machado, a tese de Lousada (2006). Essas pesquisas inauguraram, conforme concebido por Machado (2004), os contributos teóricos da Clínica da Atividade e do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), em especial no tocante ao delineamento de uma proposta de análise de textos produzidos por trabalhadores voluntários de uma pesquisa no processo de aplicação da autoconfrontação. É preciso esclarecer que o ISD é uma teoria desenvolvida na Universidade de Genebra, sob liderança de Jean Paul Bronckart, que sustenta que “[...] o desenvolvimento dos indivíduos ocorre em atividades sociais, em meio constituído e organizado por diferentes pré-construídos e através de processos de mediação, sobretudo os languageiros” (MACHADO, 2009, p. 47).

A Clínica da Atividade e o ISD têm em comum as raízes epistemológicas, centradas no materialismo dialético de Marx e na Psicologia Histórico-Cultural de Vygotski, além de apontarem o trabalho como parte fundamental do desenvolvimento humano. Entretanto, na primeira perspectiva, a ênfase está na produção de referências teóricas voltadas para a coanálise psicológica do trabalho em um horizonte clínico; enquanto no ISD o foco está na construção de um modelo interpretativo dos diferentes textos (orais e escritos), constituídos em uma rede discursiva relacionada a um ofício, que pode conduzir o pesquisador, de acordo com Machado (2004), a uma compreensão profunda das relações linguagem/trabalho.

Considerando os apontamentos dos pesquisadores da Clínica da Atividade, é possível indicar que Lousada (2006) encerrou a aplicação do dispositivo na fase intermediária, a autoconfrontação simples. Essa investigação não resultou na (re)apropriação da atividade laboral pelo sujeito de pesquisa e seus pares. Dito de outra forma, não foi prevista a restituição dos achados do estudo ao coletivo de trabalho, de modo a estimular a apropriação dos saberes pela coletividade profissional e, posteriormente, o início de uma possível transformação da atividade laboral pelos próprios trabalhadores. Já Borghi (2006) avançou até a etapa cruzada da autoconfrontação e estimulou um movimento de exame do trabalho por um grupo de professores, mas que ficou restrito ao coletivo de voluntários da sua pesquisa, não tendo se expandido, como sugere a Clínica da Atividade, aos trabalhadores que exerciam a mesma função na instituição educacional em que se desenrolou a intervenção da estudiosa. Portanto, esse movimento coletivo não chegou a se caracterizar como um processo de apropriação dos saberes produzidos durante a autoconfrontação e transformação da atividade laboral pelos profissionais da escola.

Outra pesquisa em que houve a aplicação da autoconfrontação foi elaborada por Buzzo (2008), orientada por Machado na PUC-SP. Nesse estudo, foi examinado um texto oral produzido por duas professoras de língua portuguesa, em situação de autoconfrontação cruzada, com o objetivo de averiguar as representações sobre a docência construídas pelas participantes, bem como identificar as figuras interpretativas do agir do educador. A pesquisa de Buzzo, primeira que fez uso da autoconfrontação como recurso organizador da formação continuada de profissionais, concluiu a fase intermediária de aplicação do dispositivo. A estudiosa indicou, de modo dissonante com a Clínica da Atividade, que não pretendia usar o dispositivo como meio para promover a coanálise do trabalho e a transformação da atividade laboral, mas enfatizou a possibilidade de utilização da autoconfrontação como uma estratégia estruturante da formação de docente. O estudo de Buzzo (2008) conferiu ao pesquisador, na aplicação do dispositivo, o papel de um formador de docentes e não de um analista do trabalho, como preconizaram Clot e Fernández (2007).

É importante destacar que Buzzo procurou reforçar os nexos e a complementaridade entre a Clínica da Atividade e o ISD, em conformidade com as construções teóricas de Machado (2004; 2008). Ainda, a pesquisadora explicitou, por assim dizer, o caráter funcional que assumiu cada uma destas perspectivas teóricas na orientação da condução da recolha e na análise dos dados de campo pelos membros do ALTER. Na tese de Buzzo (2008), a Clínica da Atividade foi percebida como abordagem teórica que oferecia aportes para compreender o

trabalho como fenômeno real/concreto e psicológico, que dispunha da autoconfrontação, identificada como dispositivo metodológico capaz de fazer emergir textos orais e escritos produzidos por trabalhadores, os quais se configuraram como os dados da pesquisa. Já o ISD foi considerado como abordagem teórica adequada para subsidiar o exercício interpretativo dos textos *no* e *sobre* o trabalho recolhidos no uso da autoconfrontação.

Ainda no ano de 2008, o ALTER registrou nova conclusão de pesquisa com uso da autoconfrontação, que foi a dissertação de Drey (2008), orientada por Ana Maria Guimarães, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS. Nessa dissertação, a autora verificou as representações sobre o agir docente de duas professoras de língua portuguesa do ensino médio, vinculadas a uma escola pública do Rio Grande do Sul. No que diz respeito ao uso do dispositivo, pode-se indicar que a pesquisa apresentou as características típicas da apropriação do dispositivo pelos estudiosos do ALTER, em que: a) não houve demanda, por parte de trabalhadores, para a intervenção no processo laboral e aplicação do dispositivo; b) os objetivos não contemplavam a coanálise do trabalho e mediações no sentido da apropriação dos saberes da pesquisa pelos profissionais voluntários, com vistas ao início de um processo de aperfeiçoamento ou modificação do trabalho; c) o encadeamento formal das fases de aplicação da autoconfrontação foi respeitado, ainda que a duração de cada etapa tenha sido bastante reduzida, comparativamente às indicações da Clínica da Atividade.

As investigações concluídas entre 2009 e 2013 foram voltadas para o exame do trabalho docente em situações em que a autoconfrontação foi aplicada como parte das ações formativas de professores, seguindo as apropriações dos fundamentos da Clínica da Atividade e do ISD anteriormente fixadas pelo ALTER. Neste sentido, confirmou-se o gradual avanço, por parte dos pesquisadores do grupo, de uma compreensão do dispositivo como instrumento metodológico-científico e, também, organizador de estratégias formativas de docentes, em detrimento do caráter clínico da autoconfrontação, preconizado por Clot e seus colaboradores. Foram registradas a dissertação de Fernandez (2009) e as teses de Fogaça (2010) e Stutz (2012), orientadas por Cristóvão e concluídas na UEL, e a dissertação produzida na UFC por Farias (2011), sob orientação de Rozania Alves de Moraes. Os estudos de Santos e Fogaça examinaram, respectivamente, a vivência em estágio do professor ainda em formação e a reunião pedagógica como possível espaço de capacitação docente. Nestas pesquisas, foi aplicada a autoconfrontação cruzada.

A pesquisa de Fernandez (2009) foi a única deste período do ALTER em que não foi desenvolvida formação docente. A investigadora se dedicou ao exame do uso do livro

didático por professores de língua inglesa e aplicou a autoconfrontação até a fase da restituição ao coletivo de trabalho. Entretanto, a análise do texto completo da dissertação indicou que, na verdade, houve uma única reunião entre a pesquisadora e as voluntárias da sua pesquisa, que participaram das etapas simples e cruzada do dispositivo. Objetivamente, ocorreu uma sessão de debates sobre temáticas significativas para o trabalho do professor de idiomas. O processo de restituição ao coletivo não foi ampliado no sentido da apropriação dos achados da pesquisa pelo coletivo laboral e a construção de estratégias de transformação ou aperfeiçoamento do trabalho, conforme os pressupostos da Clínica da Atividade.

Apesar disso, pareceu haver uma crescente preocupação, por parte dos pesquisadores do ALTER, com o avanço à restituição ao coletivo de trabalhadores, que foi manifestada com clareza por Stutz (2012), ao usar a autoconfrontação como uma ferramenta estruturante e organizadora de ações formativas de docentes de língua inglesa. Nesta pesquisa a aplicação da autoconfrontação seguiu a trajetória iniciada por Fernandez (2009), em que houve esforço para realizar a fase dedicada ao coletivo laboral, ainda que restrita a um número reduzido de sessões ou reuniões com a comunidade de trabalhadores e com foco bastante centrado nos objetivos da pesquisa.

Um estudo que se diferenciou no contexto do ALTER foi a tese de Rodrigues (2010), orientada por Machado. Isto porque o objetivo da sua pesquisa não era compreender o ofício de um grupo de profissionais, mas identificar as semelhanças e diferenças entre os procedimentos metodológicos de autoconfrontação e de instrução ao sócia. É importante esclarecer que a instrução ao sócia foi criada nos anos 1970 por Odonne (1981) e, analogamente à autoconfrontação, tem sido aperfeiçoada desde meados dos anos 1990 no quadro da Clínica da Atividade. A instrução ao sócia é um método indireto de acesso ao psiquismo humano em que o trabalhador descreve suas atividades a um pesquisador ou analista do trabalho.

No tocante à sua pesquisa, Rodrigues conjecturou que a aplicação da autoconfrontação tende a fazer emergir conteúdos considerados mais subjetivos e a instrução ao sócia promove o levantamento de informações menos subjetivas. Avaliamos que o estudo de Rodrigues foi relevante para apoiar os pesquisadores do ALTER, em investigações posteriores, na escolha dos trabalhos em que seria mais apropriado fazer uso da autoconfrontação como dispositivo de recolha de dados.

A última investigação com uso da autoconfrontação no ALTER, segundo apuramos, foi desenvolvida por Messias (2013), sob a orientação de Machado e co-orientação de

Joaquim Dolz, da Universidade de Genebra. O estudo foi dedicado ao exame do agir do docente de Língua Portuguesa, levando em conta a perspectiva dos professores, mediados pela pesquisadora. Vale ressaltar que, assim como Buzzo (2008), a pesquisadora realizou a sua investigação em contexto de formação continuada, e embora ela tenha feito todas as fases da autoconfrontação (simples, cruzada e constituição de um coletivo laboral), a restituição final ao grupo de trabalhadores foi delineada, mas o processo completo seria concluído após a defesa da tese. Assim, o texto da pesquisa de Messias (2013) não traz os resultados alcançados na restituição ao coletivo. Neste estudo, também não houve demanda dos profissionais, mas sim uma proposta de formação docente e estudo do trabalho pela pesquisadora.

### **Características dos usos da autoconfrontação pelo ALTER e suas contribuições para a Linguística Aplicada ao estudo do trabalho docente**

Antes das considerações sobre os usos da autoconfrontação pelo ALTER, vale relembrar que o exame das dissertações e teses do grupo, o qual expusemos anteriormente, foi realizado para nortear o debate das seguintes questões: a) quais são as semelhanças e diferenças na aplicação da autoconfrontação em estudos produzidos no ALTER comparativamente às orientações de utilização desse dispositivo feitas pelos pesquisadores da Clínica da Atividade? b) Os estudiosos do grupo em tela desencadearam o seu trabalho partindo da demanda de profissionais pela coanálise e transformação das suas atividades ocupacionais ou os pesquisadores é que solicitaram a contribuição de trabalhadores nos processos de recolha de dados para as suas pesquisas? c) Por fim, caso não tenha havido demanda de trabalhadores, esse fato produziu alterações significativas no conjunto das fases de aplicação da autoconfrontação, na coanálise do trabalho e na recolha de dados das pesquisas?

No tocante, estritamente, às fases e aos movimentos de aplicação da autoconfrontação, observou-se que, nos estudos do ALTER, foi seguido, de modo instrumental, o passo-a-passo sugerido por Clot (2006; 2010), Vieira e Fajta (2003), com ênfase na recolha de dados para as pesquisas do grupo. Algumas distinções verificadas no emprego da autoconfrontação pelo ALTER, comparativamente às indicações dos estudiosos da Clínica da Atividade, foram: 1. significativa redução no tempo de duração da aplicação do dispositivo. Enquanto Clot e Fernández (2007) sugerem que cada uma das fases da autoconfrontação tenha duração

aproximada de seis meses, com a realização de numerosas sessões de coanálise pelo pesquisador e os trabalhadores, nas pesquisas do ALTER, a aplicação do dispositivo foi aligeirada e teve duração de uma ou duas sessões por fase da autoconfrontação; 2. no grupo em tela, não foi registrada pesquisa que tenha partido da demanda dos trabalhadores pela coanálise ou mediação da transformação do trabalho; 3. os pesquisadores do ALTER fragmentaram a autoconfrontação que foi aplicada, de acordo com os objetivos de cada pesquisa, até a fase simples ou cruzada, não tendo sido registrado estudo que avançou até a conclusão da restituição ao coletivo de trabalhadores, contemplando ações com todos os profissionais de uma instituição que exerciam a mesma função.

É possível presumir que as diferenças aludidas na aplicação do dispositivo ocorreram porque, na Clínica da Atividade, a autoconfrontação é, inicialmente, um dispositivo clínico de coanálise da atividade laboral em que trabalhadores e pesquisador produzem saberes sobre um ofício com vistas à modificação das condições funcionais. E, somente em segundo plano, busca-se a obtenção de dados de pesquisa. A transformação e (re)criação da atividade, que surge do processo de coanálise, é que irá compor o material a ser examinado por um pesquisador. Por sua vez, os membros do ALTER se apropriaram da autoconfrontação promovendo um deslocamento de sua finalidade clínica e coanalítica para torná-la um instrumento destinado à recolha de dados de pesquisa, submetido aos objetivos e prazos dos estudos dos pesquisadores. Por este ângulo, pode-se apontar que o grupo reduziu e secundarizou o caráter clínico da autoconfrontação e realçou a sua capacidade de fazer emergir discursos e textos produzidos pelos profissionais durante e após o trabalho, que foram tomados como unidades de análise das teses e dissertações. No caso das pesquisas concluídas entre 2009 e 2013, os membros do ALTER acrescentaram ao uso do dispositivo a função organizativa de ações de formação de docentes, a partir das quais afluíam os discursos que constituíram os dados das pesquisas do grupo.

Além dos aspectos acima, há hipóteses que precisam ser consideradas e que podem justificar o uso da autoconfrontação, pelos pesquisadores do ALTER, de forma fragmentada, aligeirada e realizada sem a demanda de trabalhadores pela execução de intervenções em suas atividades. Algumas delas que nos parecem mais pertinentes são:

- Devido a esse dispositivo ter sido aplicado em caráter exploratório pelo ALTER, que assumiu as dificuldades da sua transposição, simultaneamente, dos cenários ocupacional, sociopolítico, cultural e econômico do país em que foi criado, a França, para o cotidiano dos pesquisadores e trabalhadores brasileiros, e da área em que foi configurado e desenvolvido o

dispositivo, a Psicologia, para outra, a Linguística Aplicada. O grupo também teve que lidar com o fato de os pesquisadores no Brasil raramente serem demandados para intervir nos processos laborais.

- Ainda, em função de o grupo ALTER, no período aqui examinado, ter realizado trabalhos marcadamente acadêmicos, de modo que seus objetivos de pesquisas foram atendidos com o uso de apenas algumas etapas da autoconfrontação. Nota-se que o fato de não existir demanda de trabalhadores pela coanálise e transformação da atividade laboral torna a fase de restituição ao coletivo de difícil realização.

- A terceira hipótese é a dificuldade em encontrar grupos de trabalho e instituições públicas ou privadas interessadas em participar da autoconfrontação em todas as suas etapas, visto que isto exige grande disponibilidade institucional e por parte dos profissionais participantes.

- A quarta hipótese se relaciona ao tempo destinado ao desenvolvimento das dissertações e teses no Brasil, que vão de dois a três anos no mestrado e quatro anos no doutorado. Isso faz com que o pesquisador não possa aguardar o surgimento de um grupo de trabalhadores que demande coanálise do seu cotidiano laboral. É preciso desenvolver a pesquisa e cumprir os prazos determinados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal para o Ensino Superior (CAPES), que tende a enfatizar, no processo de avaliação dos Programas de Pós-Graduação do país, o atendimento ao período estabelecido para a conclusão das investigações, em detrimento do respeito às particularidades de cada pesquisa e dos possíveis benefícios gerados aos participantes dos estudos. Assim, parece razoável considerar que os pesquisadores do ALTER tenderam a priorizar a realização de seus estudos, em sintonia com as normas da CAPES, em prejuízo da apropriação dos achados pelos trabalhadores e da metamorfose da atividade laboral.

É adequado reconhecer que o modelo de avaliação das pesquisas e dos Programas de Pós-Graduação pela CAPES tem sido alvo de controvérsia. A visão que explicitamos é partilhada por numerosos pesquisadores, conforme demonstrou Horta (2006) em estudo que teve como fonte primária de dados as críticas encaminhadas à CAPES por coordenadores de Programas de Pós-Graduação. Segundo Horta, a crítica mais recorrente feita a esta agência diz respeito ao caráter homogeneizador das suas regras, que desconsideram as diferenças entre as áreas da ciência nos processos de elaboração, desenvolvimento e finalização das dissertações e teses, particularmente no que diz respeito ao intervalo de tempo entre o início e a conclusão das pesquisas, o qual é percebido como excessivamente reduzido por estudiosos inúmeras

áreas. No caso das aplicações da autoconfrontação pelo ALTER, a hipótese levantada é que esse caráter homogeneizador da avaliação da Pós-Graduação brasileira, muito provavelmente, fez com que os pesquisadores do grupo optassem pelo cumprimento dos prazos indicados pela CAPES para a realização das teses e dissertações, o que condicionou o aprofundamento do processo de aplicação da autoconfrontação, que pode ter tido como desdobramento a redução da relevância social das pesquisas, na medida em que não houve registro de transformação da realidade ocupacional conduzida pelos profissionais que foram voluntários dos estudos do ALTER.

Por outro lado, há pesquisadores que consideram o paradigma da CAPES apropriado para estimular a produção científica e a formação de pessoal por meio da Pós-Graduação brasileira. É o caso de Paiva (2012), que atribui à CAPES e ao seu modelo de gestão o fato de a Pós-Graduação no país, supostamente, ter se consolidado como sistema de elevado nível na capacitação de pesquisadores e produção de saberes. As estratégias quantitativas de avaliação dos Programas de Pós-Graduação, baseados na produção de docentes e pós-graduandos são defendidas por Paiva (2012, p. 15), sob o lema "publique ou pereça". Nessa perspectiva, a secundarização dos resultados sociais das pesquisas concluídas pelos estudiosos do ALTER não seria percebida como uma fragilidade. Ao contrário, a opção por adaptar os usos da autoconfrontação à realidade acadêmica brasileira representaria um avanço na utilização científica do dispositivo.

Apesar das limitações expostas, cumpre reconhecer que os estudos com uso da autoconfrontação do ALTER trouxeram contribuições ao campo científico brasileiro, em particular, no que diz respeito à integração interdisciplinar em um corpus analítico de perspectivas ligadas à Psicologia e à Linguística Aplicada. Em síntese, os estudos com aplicação da autoconfrontação produzidos no grupo até 2013, sob a liderança de Machado, deixaram importante legado tanto para a Linguística quanto para as Ciências do Trabalho, que consistiu na articulação original de diferentes áreas do saber e referenciais teórico-metodológicos para a investigação do trabalho. Isto porque foi no processo de realização das pesquisas com a aplicação da autoconfrontação que o ALTER desenredou a questão do uso de aportes da Clínica da Atividade para compor a sua visão de trabalho, combinando essa abordagem da Psicologia Social do Trabalho com os princípios do Interacionismo Sociodiscursivo, que foram aproximados pelos estudiosos do grupo, com vistas à elaboração, no âmbito da Linguística Aplicada, de uma proposta inovadora de recolha e análise de textos produzidos em situações de trabalho, com ênfase para a atividade languageira dos professores.

## **Considerações finais**

À guisa de conclusão é necessário lembrar que este artigo partiu da hipótese de que o ALTER, único grupo organizado de pesquisadores em torno dos estudos do trabalho docente com uso da autoconfrontação, pôde produzir e compartilhar saberes acadêmicos que, hipoteticamente, permitiram aprofundar as estratégias de aplicação do dispositivo, bem como aperfeiçoá-lo e contextualizá-lo para a realidade brasileira de pesquisas acadêmicas e intervenção em processos laborais.

A experiência do ALTER, de fato, se revelou como esforço de adaptação da autoconfrontação ao contexto brasileiro, mas exclusivamente no tocante aos estudos acadêmicos, sintonizando o dispositivo com os prazos e exigências feitas às pesquisas em Programas de Pós-Graduação do país. Em relação aos saberes produzidos sobre o trabalho docente nas investigações do grupo com uso da autoconfrontação, pode-se afirmar que o ALTER contribuiu para a ampliação da compreensão da complexidade do trabalho docente, estimulando o estudo e debate sobre os aspectos constitutivos da atividade profissional dos professores, tais como: o coletivo de docentes; o próprio professor (trabalho dirigido para si mesmo), outrem (alunos, pais, colegas, direção, etc.), artefatos e instrumentos (como estratégias de ensino, uso de artefatos tecnológicos, documentos prescritivos), o contexto sócio-histórico particular, o sistema educacional e o sistema de ensino.

Por fim, as referências sobre a aplicação acadêmica da autoconfrontação e também a aproximação e articulação entre a Clínica da Atividade e o ISD, lideradas pelo ALTER, têm influenciado o desenvolvimento de estudos sobre o trabalho docente por outros grupos de pesquisas, reconhecidos pelo CNPq, e dispersos por universidades do país, tais como: grupo Linguagem e Educação, da Universidade Estadual de Londrina (UEL); grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Aplicada (GEPLA), da Universidade Federal do Ceará (UFC); grupo Análise de Linguagem, Trabalho e suas Relações: aprendizagem, gêneros textuais e ensino, sediado na Universidade de São Paulo (USP) e Universidade São Francisco (USF); grupo Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações: gênero textual, da Universidade Estadual de Londrina (UEL); Núcleo de Estudos Avançados em Linguagem, Interação e Tecnologias, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

## Referências

ANDRÉ, M. E. D. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília: Liber, 2005.

BORGHI, C. I. B. *A configuração do trabalho real do professor de língua inglesa em seu próprio dizer*. 2006. 137 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000113258>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

BUZZO, M. G. *Os professores diante de um novo trabalho com leitura: modos de fazer semelhantes ou diferentes?*. 2008. 197 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp063968.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

CAMPOS, V.; BORGES, M. F.; ARAÚJO, J. Programa de acompanhamento e avaliação da capes: qualidade acadêmica ou controle do estado. *Revista Educação e Políticas em Debate*. Uberlândia, v. 3, n.1, p. 193-210, jul. 2014.

CLOT, Y. *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. *Trabalho e poder de agir*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

\_\_\_\_\_. O ofício como operador da saúde. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*. São Paulo. v. 16, n. especial 1, p.1-11, jul. 2013.

\_\_\_\_\_; FERNÁNDEZ, G. Instrumentos de investigación: entrevistas en auto-confrontación. *Laboreal*, Porto, v. 3, n. 1, p. 15-19, jul. 2007.

DREY, R. F. *Eu nunca me vi, assim, de fora: representações sobre o agir docente através da autoconfrontação*. 2008. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008. Disponível em: <[biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/RafaelaDreyLinguistica.pdf](http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/RafaelaDreyLinguistica.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2015.

FAÏTA, D. La conduite du TGV: exercices de styles. *Champs visuels*, Marseille, v. 2, n. 6, p. 75-86, jun. 1997.

FARIAS, A. L. G. *Atividade docente de estagiários de francês: prescrições, gênero e estilo*. 2011. 263 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/AlineLeontinaGon%C3%A7alvesFarias>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

FERNANDEZ, C. M. *Manual do Professor de Coleção de Livros Didáticos de Língua Inglesa: autonomia ou subsunção do trabalho docente?*. 2009. 213 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp110575.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

FOGAÇA, F. C. *Reuniões pedagógicas e autoconfrontações: possíveis espaços de desenvolvimento profissional na escola pública*. 2010. 226 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000159806>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

HORTA, J. S. B. *Avaliação da Pós-graduação: com a palavra os Coordenadores de Programas. Perspectiva*, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 19-47, jun. 2006.

LOUSADA, E. G. *Entre o trabalho prescrito e o realizado: um espaço para a emergência do trabalho real do professor*. 2006. 333 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

MACHADO, A. R. *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel, 2004.

\_\_\_\_\_. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. Ensino de gêneros textuais para o desenvolvimento do professor e de seu trabalho. In: SERRANI, S. *Letramento, discurso e trabalho docente*. Vinhedo: Horizonte, 2010. p. 148-156.

\_\_\_\_\_. As pesquisas do grupo ALTER-LAEL para a análise do trabalho educacional. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 35-46, jun. 2013.

MESSIAS, C. *O agir didático do professor de língua portuguesa e sua reconfiguração pelos professores*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

ODDONE, I. *Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde*. São Paulo: Hucitec, 1981.

PAIVA, V. L. M. O. Políticas de credenciamento e recredenciamento de professores em Programas de Pós-Graduação em Linguística e em Linguística Aplicada: publish or perish. In: NICOLAIDES, C.; SILVA, K. A.; TÍLIO, R.; HILSDORF, C. (Orgs.) *Política e Políticas Linguísticas*. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 263-284.

PEREZ, D.; MESSIAS, C. A autoconfrontação e seus usos no campo da linguística aplicada ao estudo do trabalho do professor. *Revista Educação e Linguagens*, Campo Mourão, v. 2, n. 2, p. 92-112, jun. 2013a.

\_\_\_\_\_. 2013b. O dispositivo metodológico e interventivo autoconfrontação e seus usos em pesquisas de educação. *Nuances: estudos sobre educação*, Presidente Prudente, v. 24, n. 3, p.81-100, dez. 2013b.

RODRIGUES, D. I. *A Autoconfrontação Simples e a Instrução ao Sósia: entre diferenças e semelhanças*. 2010. 165 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=12089](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=12089)>. Acesso em: 06 jun. 2015.

ROMANOWSKI, J.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas tipo "estado da arte" em educação. *Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, dez. 2006.

STUTZ, L. *Sequências didáticas, socialização de diários e autoconfrontação: instrumentos para a formação inicial de professores de inglês*. 2012. 458 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000178953> >. Acesso em: 06 jun. 2015.

TARDIF, M.; LESSARD, C. *O trabalho docente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

VIEIRA, M.; FAÏTA, D. Quando os outros olham outros de si mesmo: reflexões metodológicas sobre a autoconfrontação cruzada. *Polifonia*, Cuiabá, v. 7, n.1, p. 27-65, 2003.

VYGOTSKI, L. S. *Teoria e método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1927/1996.

\_\_\_\_\_. *Psicologia Pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 1926/2004.

Artigo recebido em: 22/06/2015

Artigo aceito em: 20/12/2015

Artigo publicado em: 28/12/2015